

Palavra do Reitor



NAOMAR MONTEIRO DE ALMEIDA FILHO

Saudade do mainframe

Bem me lembro. O ano era 1977. Eu me esforçava para analisar dados da minha pesquisa de mestrado, tarefa difícil em um tempo em que não havia pacotes estatísticos. Naquele tempo, cada aluno tinha que aprender noções de programação para criar seu próprio programa de análise. (Foi aí que Sebastião Loureiro me emprestou manuais de Fortran e Cobol). Dei sorte porque Nelson Fernandes havia recém-construído o PRTC como parte da sua tese e queria testá-lo com dados reais. Era um software maravilhoso, especializado no gigantesco desafio de cruzar dados para construir tabelas. A base de dados e a programação eram registradas em cartões perfurados, o que só se podia fazer de madrugada, única hora em que lei-gos (não-membros do Centro de Processamento de Dados do Instituto de Matemática da UFBA) podiam ter acesso às enormes máquinas de perfuração. Meu programa demorava horas para rodar em um mainframe IBM-1130, que nunca conheci, sempre protegido por trás de um guichê onde atendentes recebiam as caixas de cartões e entregavam *printouts* meio apagados.

Quando viajei para o doutorado nos Estados Unidos, no ano seguinte, o meu *deck* pesava 12 quilos e o backup em fita era do tamanho de uma valise. Lembro-me da surpresa dos professores e colegas na Escola de Saúde Pública da UNC-Chapel Hill em receber um calouro oriundo de um país subdesenvolvido (que na cabeça deles só tinha floresta tropical) que demonstrava relativa familiaridade com informática e computadores. Fomos cobaias e usuários da versão beta do SAS. Minha tese foi a primeira do Departamento de Epidemiologia totalmente escrita com um processador de texto, pobre de recursos e super-primitivo, chamado Scripto. Eu mesmo tive que escrever macros para a

impressão de gráficos e figuras; deixei-os na biblioteca para os colegas aproveitarem.

De volta à UFBA, vi que no CPD haviam instalado um Burroughs B-500 e, em seguida, um sistema DEC-10. A esses, já docente, fui devidamente apresentado. No meu antigo Departamento de Medicina Preventiva, tínhamos orgulho de ser os maiores usuários do CPD fora do Instituto de Matemática (a Geociências tinha um sistema próprio). Retornei à América do Norte em 1985 e lá me espantou a revolução dos microcomputadores. Parecia uma praga: em todas as salas e bibliotecas, máquinas feias e ainda desajeitadas. Na McMaster, conheci o primeiro portátil, daqueles que pareciam um tambor quadrado, com teclado na tampa, ainda muito pesados e em nada parecidos com os atuais notebooks. Depois, trabalhei na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde ganhei uma workstation Sun rodando Unix, monitor de 20 polegadas, e recebi meu primeiro endereço eletrônico. Retornando à UFBA, constatei que quase não havia atraso tecnológico no campo de TI, apesar da reserva de mercado. O CPD, integrado à Rede Nacional de Pesquisa (RNP), já oferecia razoável infra-estrutura de acesso à internet. Ao mesmo tempo, fomentava a independência dos grupos de pesquisa, treinando-nos no uso autônomo de microcomputadores em rede.

O resto desta história, todos conhecem. O nosso CPD está completando 30 anos de trabalho e realizações, com uma trajetória gloriosa, gerenciando a maior rede interna e o maior parque informático do Estado da Bahia. Tudo isso traz saudades àqueles que, como eu, acompanhou o CPD/UFBA desde o seu modesto, mas promissor, grande começo.

NAOMAR MONTEIRO DE ALMEIDA FILHO é reitor da Universidade Federal da Bahia